# ROBERTO ZUCCO

## BERNARD-MARIE KOLTÈS

*"Depois da segunda oração, tu verás subir o disco solar e verás pendurado nele o phallus, a origem do vento; e se virares teu rosto em direção ao Oriente, ele mudará de lugar, e se virares teu rosto em direção ao Ocidente, ele te seguirá."*

**(**Liturgia de Mithra, parte do Grand Papyrus Magique de Paris. Citado por Carl Jung em sua última entrevista à B.B.C.**)**

**PERSONAGENS**

**SUA MÃE**
**A MENINA**
**SUA IRMÃ**
**SEU IRMÃO**
**SEU PAI**
**SUA MÃE**
**O SENHOR MAIS VELHO**
**A SENHORA ELEGANTE**
**O FORTÃO**
**O CAFETÃO IMPACIENTE**
**A PUTA HISTÉRICA**
**O INSPETOR MELANCÓLICO**
**UM DELEGADO**
**UM COMISSÁRIO DE POLÍCIA**
**PRIMEIRO GUARDA**
**SEGUNDO GUARDA**
**PRIMEIRO POLICIAL**
**SEGUNDO POLICIAL.**
**HOMENS, MULHERES, PUTAS, CAFETÕES. VOZES DE PRISIONEIROS E DE GUARDAS.**

## I. A FUGA

***(O TELHADO DE UMA PRISÃO, ATÉ SUA PARTE MAIS ALTA. O CAMINHO, NA ALTURA DO TELHADO, POR ONDE OS GUARDAS PASSAM FAZENDO A RONDA NOTURNA. HORA EM QUE OS GUARDAS, POR CAUSA DO SILÊNCIO E CANSADOS DE OLHAR ATENTAMENTE O ESCURO, SÃO ÀS VEZES VÍTIMAS DE ALUCINAÇÕES.)***

**PRIMEIRO GUARDA**

- Você ouviu alguma coisa?

**SEGUNDO GUARDA**

- Não, nada.

**PRIMEIRO GUARDA**

- Você nunca ouve nada.

**SEGUNDO GUARDA**

- E você, ouviu alguma coisa?

**PRIMEIRO GUARDA**

- Não, mas tenho a impressão de ouvir alguma coisa.

**SEGUNDO GUARDA**

- Você ouviu ou não ouviu?

**PRIMEIRO GUARDA**

- Eu não ouvi com as orelhas, mas imaginei ter ouvido alguma coisa.

**SEGUNDO GUARDA**

- Imaginou? Sem as orelhas?

**PRIMEIRO GUARDA**

- Você, você nunca imagina nada, e é por isso que você nunca ouve nada e nem vê nada.

**SEGUNDO GUARDA**

- Eu não ouço nada porque não tem nada pra ouvir e eu não vejo nada porque não tem nada pra ver. Nossa presença aqui é inútil, é por isso que a gente acaba sempre brigando. Inútil, completamente; as metralhadoras, as sirenes mudas, nossos olhos abertos sendo que a essa hora

todo mundo tem os olhos fechados. Eu acho inútil ficar com os olhos abertos pra não olhar pra nada, e os ouvidos atentos pra não ouvir nada, enquanto a essa hora nossos ouvidos deveriam escutar o barulho do nosso universo interior e nossos olhos deveriam contemplar nossas paisagens interiores. Você acredita no universo interior?

**PRIMEIRO GUARDA**

- Eu acredito que não é inútil que a gente esteja aqui, para impedir as fugas.

**SEGUNDO GUARDA**

- Mas não há fuga aqui. É impossível. A prisão é moderna demais. Mesmo um prisioneiro bem pequenininho não poderia fugir. Mesmo um prisioneiro tão pequeno quanto um rato. Se ele passasse pelas grades maiores, depois, tem as grades mais finas, como num coador, e depois mais finas ainda, como uma peneira. Teria que ser líquido pra poder passar entre elas. E uma mão que esfaqueou, um braço que estrangulou, não podem ser feitos de líquido. Ao contrário, eles devem ficar grandes e pesados. Como você acha que alguém pode ter a idéia de esfaquear ou estrangular, primeiro a idéia, e depois passar pra ação?

**PRIMEIRO GUARDA**

- Puro vício.

**SEGUNDO GUARDA**

- Eu que sou um guarda já faz seis anos, eu sempre olhei os assassinos procurando onde poderia estar o que faz com que eles sejam diferentes de mim, vigia de prisão, incapaz de esfaquear ou estrangular, incapaz até de ter a idéia de fazer isso. Eu pensei, eu procurei, eu fiquei até olhando quando eles tomavam banho, porque me disseram que era no sexo que o instinto assassino se alojava. Eu vi mais de seiscentos, e nenhum ponto em comum entre eles; tem gordo, pequeno, magro, bem pequeno, redondo, pontudo, tem ainda os enormes, e não dá pra chegar a nenhuma conclusão a partir disso.

**PRIMEIRO GUARDA**

- Puro vício, eu estou falando. Você não está vendo alguma coisa?

***(APARECE ZUCCO, ANDANDO NO ALTO DO TELHADO.)***

**SEGUNDO GUARDA**

- Não, nada nada.

**PRIMEIRO GUARDA**

- Eu também não, mas tenho a impressão de estar vendo alguma coisa.

**SEGUNDO GUARDA**

- Eu estou vendo um homem andando no telhado. Deve ser efeito da nossa falta de sono.

**PRIMEIRO GUARDA**

- O que e que um homem faria em cima do telhado? Você tem razão. A gente deveria de vez em quando fechar os olhos para ver nosso universo interior.

**SEGUNDO GUARDA**

- Eu diria mesmo que era o Roberto Zucco, aquele que foi preso essa tarde pelo assassinato do pai. Uma besta furiosa, uma besta selvagem.

**PRIMEIRO GUARDA**

- Roberto Zucco. Nunca ouvi falar.

**SEGUNDO GUARDA**

- Mas você está vendo alguma coisa, ali, ou só eu estou vendo?

***(ZUCCO CONTINUA AVANÇANDO, TRANQÜILAMENTE, SOBRE O TELHADO.)***

**PRIMEIRO GUARDA**

- Eu imagino que estou vendo alguma coisa. Mas o que que é?

***(ZUCCO COMEÇA A DESAPARECER ATRÁS DE UMA CHAMINÉ.)***

**SEGUNDO GUARDA**

- É um prisioneiro fugindo.

***(ZUCCO DESAPARECE.)***

**PRIMEIRO GUARDA**

- Merda, você tem razão; é uma fuga.

***(TIROS, HOLOFOTES, SIRENES.)***

## II. ASSASSINATO DA MÃE

*(A MÃE DE ZUCCO, DE CAMISOLA EM FRENTE À PORTA FECHADA.)*

**A MÃE**

- Roberto, eu estou com a mãe no telefone, eu disco e chamo a polícia.

**ZUCCO**

- Abre pra mim.

**A MÃE**

- Nunca.

**ZUCCO**

- Se eu der um chute na porta, ela cai, você sabe muito bem, não se faça de idiota.

**A MÃE**

- Tá bom, faz isso então, doente, louco, faz isso e acorda os vizinhos. Você estava mais seguro na prisão, porque se virem você, você vai ser linchado: não se admite aqui que alguém mate o próprio pai. Até os cachorros, nesse bairro, vão te olhar atravessado.

*(ZUCCO ESMURRA A PORTA.)*

**A MÃE**

- Como você conseguiu escapar? Que espécie de prisão é essa?

**ZUCCO**

- Nunca me manterão preso por mais do que algumas horas. Nunca. Abre, mãe. Você vai fazer uma lesma perder a paciência. Abre, ou eu derrubo esse barraco.

**A MÃE**

- O que é que você veio fazer aqui? De onde vem essa necessidade de voltar? Eu não quero mais te ver, eu não quero mais te ver. Você não é mais meu filho, acabou. Você, pra mim, não vale mais do que uma mosca de merda.

*(ZUCCO ARROMBA A PORTA.)*

**A MÃE**

- Roberto, não chegue perto de mim.

**ZUCCO**

- Eu vim buscar meu uniforme.

**A MÃE**

- Seu o quê?

**ZUCCO**

- Meu uniforme: minha camisa cáqui e minha calça de combate.

**A MÃE**

- Essa imundície de roupa militar. Pra que é que você precisa dessa imundície de roupa militar? Você é louco, Roberto. A gente deveria ter compreendido isso quando você ainda estava no berço e jogado você no lixo.

**ZUCCO** - Anda logo, mãe, rápido, traz meu uniforme de uma vez.

**A MÃE** - Eu te dou dinheiro. É dinheiro o que você quer. Você vai poder comprar todas as roupas que você quiser.

**ZUCCO** - Eu não quero dinheiro. É o meu uniforme que eu quero.

**A MÃE**

- Eu não quero, eu não quero. Eu vou chamar os vizinhos.

**ZUCCO**

- Eu quero meu uniforme.

**A MÃE**

- Pára de gritar, Roberto, pára de gritar, você me dá medo; pára de gritar, você vai acordar os vizinhos. Eu não posso te dar o seu uniforme, é impossível; ele está sujo, ele está nojento, você não pode vestir esse uniforme assim. Me dá um tempo que eu lavo, seco e passo esse uniforme.

**ZUCCO**

- Pode deixar que eu mesmo lavo. Eu vou na lavanderia automática.

**A MÃE**

- Você está variando, meu filho. Você está completamente louco.

**ZUCCO**

- É o lugar que do mundo que eu prefiro. É calmo, é tranqüilo, e tem mulheres.

**A MÃE**

- Não me interessa. Eu não quero te dar esse uniforme. Não chegue perto de mim, Roberto. Eu ainda estou de luto pelo seu pai, será que você vai me matar, agora é a minha vez?

**ZUCCO**

- Não tenha medo de mim, mãe. Eu sempre fui doce e bonzinho com você. Por que você teria medo de mim? Por que você não me daria o meu uniforme? Eu estou precisando dele, mãe, estou precisando.

**A MÃE**

- Não seja bonzinho comigo Roberto. Como você quer que eu esqueça que você matou o seu pai, que você o jogou pela janela como se joga um cigarro? E agora, você é bonzinho comigo. Eu não quero esquecer que você matou o seu pai, e a sua doçura vai me fazer esquecer tudo, Roberto.

**ZUCCO**

- Esquece, mãe. Me dá meu uniforme, minha camisa cáqui e minha calça de combate; mesmo sujo, mesmo amassado, me dá meu uniforme. E depois eu vou embora, eu juro.

**A MÃE**

- Fui eu, Roberto, fui eu que te pari? Foi de mim que você saiu? Se eu não tivesse te parido aqui, se eu não tivesse visto sair, e acompanhado com os meus olhos até que te pusessem no berço; se eu não tivesse colocado, desde o berço, meu olhar sobre você sem te deixar um minuto, e acompanhado cada mudança do seu corpo até o ponto em que eu nem vi as mudanças acontecerem e se eu não estivesse te vendo aqui, parecido com aquele que saiu de mim nesta cama, eu acreditaria que não é o meu filho que eu tenho aqui na minha frente. No entanto, eu te reconheço, Roberto. Eu reconheço a forma do seu corpo, seu tamanho, a cor dos seus cabelos, a cor dos seus olhos, a forma das suas mãos, essas grandes mãos fortes que nunca serviram pra outra coisa senão acariciar o pescoço de sua mãe, ou apertar o de seu pai, que você matou. Por que essa criança, tão sensata durante vinte e quatro anos, ficou louca de repente? Como você saiu assim dos trilhos. Roberto? Quem colocou um tronco de árvore sobre esse caminho tão reto pra fazer você cair no abismo? Roberto, Roberto, um carro que cai num barranco, não tem conserto? Um trem que descarrilha, a gente não tenta fazer com que ele volte pros trilhos. A gente abandona esse trem, esquece. Eu te esqueço, Roberto, eu já te esqueci.

**ZUCCO**

- Antes de me esquecer, me fala onde está o meu uniforme>

**A MÃE**

- Ele está aí, dentro do balaio. Está sujo e todo amassado. **(**Zucco tira o uniforme do balaio**)** E agora vai embora, você me jurou.

**ZUCCO**

- Está bem, eu jurei.

***(ELE SE APROXIMA DA MÃE, ACARICIA-A, DÁ UM BEIJO, APERTA-A CONTRA SI; ELA GEME. ELE A SOLTA E ELA CAI, ESTRANGULADA. ZUCCO TIRA A ROUPA, VESTE SEU UNIFORME E SAI.)***

## III. EMBAIXO DA MESA

***(NA COZINHA. UMA MESA, COBERTA COM UMA TOALHA QUE VAI ATÉ O CHÃO. ENTRA A IRMÃ DA MENINA. ELA VAI EM DIREÇÃO À JANELA, ABRE-A UM POUCO.***

**A IRMÃ**

- Entra, não faz barulho, tira seus sapatos; senta aí e cala a boca **(**A menina entra pela janela**)** Então é assim, a uma hora dessas da noite eu te encontro agachada, encostada num muro qualquer. Seu irmão está de carro correndo a cidade inteira e eu posso te dizer que quando ele te encontrar, ele vai encher essa sua bunda de chutes, porque ele já estava ficando louco atrás de você.

Sua mãe ficou espiando na janela durante horas inventando todas as hipóteses do mundo, desde o estupro coletivo por um bando de arruaceiros até o corpo decepado que seria encontrado em um bosque, sem falar do sádico que teria te prendido no porão, tudo passou pela cabeça dela. E seu pai já tem tanta certeza de que não vai mais te ver que tomou um porre e está roncando no sofá, um ronco de desespero. Quanto a mim, eu rodo nesse bairro feito uma louca e te encontro aí, simplesmente agachada e encostada nesse muro. Enquanto seria suficiente que você atravessasse a rua para nos tranqüilizar. Tudo o que você terá ganhado então, é que você vai levar uns bons chutes do seu irmão, e eu espero que ele chute a sua bunda até sangrar. **(**Tempo**)** Mas eu estou vendo que você decidiu que não vai falar comigo. Você decidiu ficar em silêncio profundo. Silêncio. Todos se agitam em volta de mim mas eu me calo. Boca fechada. Veremos se sua boca vai ficar fechada quando seu irmão estiver chutando a sua bunda. Quando então você vai abrir a boca pra me explicar por que, já que você tinha permissão até meia-noite, por que é que você voltou pra casa tão tarde? Porque se você não abrir o bico, eu vou começar a ficar nervosa, eu também vou fazer todas as suposições. Meu pardalzinho, fale com a sua irmã, eu sou capaz de compreender tudo, eu juro, eu vou te proteger da raiva do seu irmão. **(**Tempo**)** O que aconteceu com você foi uma pequena história de menina, você encontrou um garoto, ele foi idiota como todos os garotos, agiu mal com você, foi grosseiro? Eu conheço isso, meu pintassilgo, eu fui uma menina, eu fui a festas onde os garotos são uns imbecis. Mesmo se você deixou alguém te beijar, qual o problema? Você ainda ser beijada mil vezes por imbecis, você querendo ou não; e você vai deixar que eles passem a mãe em você, minha pobrezinha, quer você queira quer não. Porque os garotos são uns imbecis e tudo o que eles sabem fazer é passar a mão na bunda das meninas. Eles adoram isso. Eu não sei que prazer eles têm; na verdade, aliás, eu acho que eles não vêem nenhum prazer nisso. Faz parte da tradição deles. Eles não poderem fazer nada. Eles são fabricados com imbecilidade. Mas não precisa fazer um drama de tudo isso. O essencial é que você não deixe ninguém roubar o que não deve ser roubado antes da hora. Mas eu sei que você vai esperar a sua hora, e que nós escolheremos, todos juntos – sua mãe, seu pai, seu irmão, eu mesma, e você também aliás – pra quem você vai dar isso. Ou então vai ser necessário que alguém consiga com violência, e isso, quem ousará fazer, a uma menina como você, tão pura, tão virgem? Diz pra mim que ninguém foi violento com você. Diz pra mim, diz que ninguém roubou isso, não é, isso que não deve ser roubado de você. Responde ou eu vou ficar zangada. **(**Barulho**)** Esconde rápido embaixo da mesa. Eu acho que ‘’e o seu irmão que está chegando.

***(A MENINA DESAPARECE EMBAIXO DA MESA. ENTRA O PAI, DE PIJAMA , MEIO DORMINDO. ELE ATRAVESSA A COZINHA, DESAPARECE ALGUNS SEGUNDOS, ATRAVESSA DE NOVO A COZINHA E VOLTA PARA O SEU QUARTO)***

**A IRMÃ**

- Você é uma menina, você é uma pequena virgem, você é apequena virgem da sua irmã, do seu irmão, do seu pai e da sua mãe. Não me diga essa coisa horrível. Cala a boca. Eu fico louca. Você está perdida, e nós todos, perdidos com você.

***(ENTRA O IRMÃO, FAZENDO UM GRANDE TUMULTO. A IRMÃ SE PRECIPITA SOBRE ELE.)***

**A IRMÃ**

- Não grita, não fica nervoso. Ela não está aqui mas ela foi encontrada. Ela foi encontrada mas ela não está aqui. Fica calmo, senão eu acabo ficando louca. Eu não quero todas as desgraças juntas e, se você gritar, eu me mato.

**O IRMÃO** - Onde ela está? Onde ela está?

**A IRMÃ** - Ela está na casa de uma amiga. Ela está dormindo na casa de uma amiga, na cama de sua amiga, no quentinho, com segurança, nada de mal pode acontecer a ela, nada. Está nos acontecendo uma desgraça. Não grita, por favor, porque depois você poderá se arrepender e até corar.

**O IRMÃO**

- Nada poderia me fazer chorar, a não ser uma desgraça que acontecesse com a minha irmãzinha. Mas eu tomei tanto cuidado com ela, e só essa noite ela me escapou. Essa é a primeira vez que ela me escapou, só algumas horas, em todos esses anos em que eu tomei conta dela. A desgraça precisa de mais tempo pra se abater sobre alguém.

**A IRMÃ**

- A desgraça não precisa de tempo. Ela vem quando quer, ela transforma tudo em um instante. Ela destrói em um instante um objeto precioso que a gente guarda durante anos. **(**Ela pega um objeto e joga-o no chão**)** E a gente não pode recolher os pedaços. Mesmo gritando, a gente não poderia recolher os pedaços.

***(ENTRA O PAI. ELE ATRAVESSA A COZINHA COMO NA PRIMEIRA VEZ E DESAPARECE.)***

**O IRMÃO**

- Me ajuda, minha irmã, me ajuda. Você é mais forte do que eu. Eu não suporto as desgraças.

**A IRMÃ**

- Ninguém suporta a desgraça.

**O IRMÃO**

- Divide comigo.

**A IRMÃ**

- Eu já estou transbordando.

**O IRMÃO**

- Eu vou beber alguma coisa. **(**Ele sai.**)**

***(O PAI VOLTA.)***

**O PAI**

- Você está chorando, minha filha? Eu acho que ouvi alguém chorando. **(**A irmã se levanta**)**

**A IRMÃ**

- Não. Eu estava cantando. **(**Ela sai**)**

**O PAI**

- Você tem razão. Quem canta os males espanta. **(**Ele sai**)**

***(DEPOIS DE UM MOMENTO, A MENINA SAI DE DEBAIXO DA MESA, SE APROXIMA DA JANELA, ABRE-A UM POUCO, FAZ ZUCCO ENTRAR.)***

**A MENINA**

- Tira os sapatos. Como você se chama?

**ZUCCO**

- Me chame como você quiser. E você?

**A MENINA**

- Eu? Eu não tenho mais nome. Me chamam o tempo todo por nomes de bichinhos bobos, pintinho, pintassilgo, pardalzinho, cotovia, pombinha, rouxinol. Eu preferiria que me chamasse de rato, cascavel ou porca. O que é que você faz, na vida?

**ZUCCO**

- Na vida?

**A MENINA**

- É, na vida. Seu trabalho, sua ocupação, como você ganha dinheiro e todas essas coisas que todo mundo faz?

**ZUCCO**

- Eu não faço o que todo mundo faz.

**A MENINA**

- Então, justamente, me diz o que você faz.

**ZUCCO**

- Eu sou agente secreto. Você sabe o que é, um agente secreto?

**A MENINA**

- Eu sei o que é secreto.

**ZUCCO**

- Um agente, além de ser secreto, ele viaja, percorre o mundo, ele tem armas.

**A MENINA**

- Você tem uma arma?

**ZUCCO**

- Claro que tenho.

**A MENINA** - Me mostra.

**ZUCCO**

- Não.

**A MENINA**

- Então, você tem uma arma.

**ZUCCO**

- Olha. **(**Ele tira um punhal.**)**

**A MENINA**

- Isso não é uma arma.

**ZUCCO**

- Com isso, você pode matar tão bem quanto com qualquer outra arma.

**A MENINA**

- Fora matar, que mais que ele faz, um agente secreto?

**ZUCCO**

- Ele viaja, vai pra África. Você conhece a África?

**A MENINA**

- Muito bem.

**ZUCCO**

- Eu conheço uns lugares na África, umas montanhas tão altas, onde neva o tempo todo. Ninguém sabe que neva na África. Eu, é isso o que eu prefiro no mundo: a neve na África que cai nos lagos gelados.

**A MENINA**

- Eu queria ir ver a neve na África. Eu queria andar de patins nos lagos gelados.

**ZUCCO**

- Tem também rinocerontes brancos que atravessam o lago, por baixo da neve.

**A MENINA**

- Como você se chama? Me diz o seu nome.

**ZUCCO**

- Eu nunca vou dizer o meu nome.

**A MENINA**

- Por quê? Eu quero saber o seu nome.

**ZUCCO**

- É um segredo.

**A MENINA**

- Eu sei guardar segredos. Me diz  o seu nome.

**ZUCCO**

- Eu esqueci.

**A MENINA**

- Mentiroso.

**ZUCCO**

- André.

**A MENINA**

- Não.

**ZUCCO**

- Ângelo.

**A MENINA**

- Não goza da minha cara que eu grito. Não é nenhum desses nomes.

**ZUCCO**

- E como você sabe, se você não sabe?

**A MENINA**

- Impossível. Eu o reconheceria na mesma hora.

**ZUCCO**

- Eu não posso te dizer meu nome.

**A MENINA**

- Mesmo se você não pode me dizer, diz assim mesmo.

**ZUCCO**

- Impossível. Poderia me acontecer uma desgraça.

**A MENINA**

- Não tem problema. Diz assim mesmo.

**ZUCCO**

- Se eu te dissesse meu nome, eu morreria.

**A MENINA**

- Mesmo se você morrer, me diz seu nome assim mesmo.

**ZUCCO**

- Roberto.

**A MENINA**

- Roberto o quê?

**ZUCCO**

- Contente-se com isso.

**A MENINA**

- Roberto o quê? Se você não me disser, eu grito, e meu irmão, que está muito nervoso, vai te matar.

**ZUCCO**

- Você me disse que você sabia o que era um segredo. Será que você sabe mesmo?

**A MENINA**

- É a única coisa que eu sei perfeitamente o que é. Me diz o seu nome, me diz o seu nome.

**ZUCCO**

- Zucco.

**A MENINA**

- Roberto Zucco. Eu nunca vou esquecer esse nome. Esconde embaixo da mesa; vem vindo gente.

***(ENTRA A MÃE.)***

**A MÃE**

- Você está falando sozinha, meu rouxinol?

**A MENINA**

- Não. Eu canto para espantar os males.

**A MÃE**

- Você tem razão. **(**Vendo o objeto quebrado**)** Tanto melhor. Tem um bom tempo que eu queria me ver livre dessa sujeira.

***(ELA SAI. A MENINA VAI FICAR PERTO DE ZUCCO, QUE ESTÁ ESCONDIDO SOB A MESA.)***

**VOZ DA MENINA**

- Você, garoto, você me tirou a virgindade, e agora ela é sua. Não haverá outra pessoa que vai poder tirar isso de mim. Agora ela é sua até o fim dos seus dias, ela será sua mesmo quando você já tiver me esquecido, ou morrido. Você está marcado por mim como por uma cicatriz depois de uma briga. Eu não corro o risco de esquecer, porque eu não tenho outra pra dar pra ninguém; pronto, está feito, até o fim da minha vida. Está dada e ela é sua.

## IV. A MELANCOLIA DO INSPETOR

***(RECEPÇÃO DE UM HOTEL DE PUTAS DO PEQUENO CHICAGO.)***

**O INSPETOR**

- Eu estou triste, madame. Eu sinto o coração bem pesado e eu não sei porquê. Eu estou constantemente triste, mas dessa vez tem alguma coisa me incomodando. Normalmente, quando eu me sinto assim, com vontade de chorar ou morrer, eu procuro o porquê disso. Eu penso em tudo o que aconteceu durante o dia, durante a noite, e na véspera. E eu acabo sempre encontrando algum acontecimento sem importância que, na hora, não me chamou muito a atenção, mas que, como uma porcariazinha de um micróbio, se instalou no meu coração e fica me atormentando em todos os

sentidos. Agora, quando eu descubro qual foi o acontecimento sem importância que me fez sofrer tanto, eu acho graça , o micróbio é destruído como uma pulga com a unha, e fica tudo bem. Mas hoje eu já procurei; eu já voltei até três dias pra trás, uma vez num sentido e depois no outro, e aqui estou eu de novo, sem saber de onde vem o mal, eu tão triste e o coração tão pesado.

**A MADAME**

- Você fica inventando muita história de cadáver e cafetão, inspetor.

**O INSPETOR**

- Não tem tanto cadáver assim. Mas cafetão, isso sim, tem demais. Aliás era bem melhor se tivesse mais cadáver e menos cafetão.

**A MADAME**

- Já eu, prefiro os cafetões, eles me fazem viver e eles mesmos são bem vivos.

**O INSPETOR**

- Eu preciso ir, madame. Adeus.

***(ZUCCO SAI DE UM QUARTO, FECHA SUA PORTA À CHAVE.)***

**A MADAME**

- Nunca se deve dizer adeus, inspetor.

***(O INSPETOR SAI, SEGUIDO POR ZUCCO. DEPOIS DE ALGUNS INSTANTES, UMA PUTA, HISTÉRICA, ENTRA.)***

**A PUTA**

- Madame, madame, forças diabólicas acabam de atravessar o Pequeno Chicago. O bairro está todo uma confusão, as putas não trabalham mais, os cafetões ficam com a boca aberta, os clientes sumiram, está tudo parado, tudo petrificado. Madame, a senhora abrigou o demônio na sua casa. Esse rapaz que chegou recentemente, que não abre a boca, que não responde às perguntas das mulheres, esse que parece que não tem voz nem sexo; esse menino, no entanto, com um olhar tão doce; esse menino bonito, com certeza, de quem a gente falou tanto, entre nós, mulheres – saiu atrás do inspetor. A gente ficou olhando, nós as meninas, a gente ria, imaginava coisas. Ele anda atrás do inspetor que parece mergulhados numa reflexão profunda; ele anda atrás do inspetor como se fosse a sombra dele; e a sombra chega perto, como ao meio-dia, cada vez mais perto das costas curvadas do inspetor, e de repente, ele tia uma faca bem grande de dentro do bolso, e enfia nas costas do pobre homem. O inspetor fica parado. Não se vira. Balança de leve a cabeça, como se a reflexão profunda onde ele estava mergulhado acabasse de encontrar uma solução. Depois todo o seu corpo balança, e ele afunda no chão. Nem o assassino nem a sua vítima se olharam em nenhum momento. O menino tinha os olhos fixos sobre o revólver do inspetor: ele vai, pega o revólver, põe dentro do bolso, e vai embora, tranqüilamente, com a tranqüilidade do demônio, madame. Porque ninguém se mexeu, todo mundo que estava ali ficou imóvel, olhando ele ir embora. Ele desapareceu na multidão. Era o diabo que a senhora tinha debaixo do seu teto, madame.

**A MADAME**

- De qualquer jeito, com o assassinato de um inspetor, esse menino está perdido.

## V. O IRMÃO

***(A COZINHA. A MENINA ESTÁ CONTRA A PAREDE, ATERRORIZADA.)***

**O IRMÃO**

- Não tenha medo de mim, pintinho. Eu não vou te fazer mal. Sua irmã é uma idiota, por que ela acha que eu te daria uma surra? Agora você é uma fêmea; eu nunca bati numa fêmea. Eu gosto das fêmeas; é o que eu prefiro. É muito melhor do que uma irmã mais nova. Enche o saco, uma irmã mais nova. Tem de ficar o tempo todo vigiando, com o olho em cima dela. Pra proteger o quê? A virgindade? Por quanto tempo é necessário vigiar a virgindade de uma irmã? Todo o tempo que eu passei te vigiando é tempo perdido. Eu lamento todo esse tempo. Lamento cada dia, cada hora perdida com o olho em cima de você. A gente deveria deflorar as meninas desde bem pequenas, assim deixariam os irmãos mais velhos em paz, eles não teria nada para vigiar, e poderiam passar o tempo fazendo outra coisa. Eu estou bem feliz que você tenha logo dado pra alguém; porque agora eu tenho paz. Você faz o seu caminho, eu faço o meu, eu não tenho mais de

ficar te carregando atrás de mim. Bem melhor, vem beber alguma coisa comigo. Você precisa aprender agora, a não baixar mais os olhos, a não ficar vermelha, a olhar pros garotos de frente. Tudo isso acabou. Não tenha mais vergonha de nada. Levanta a cabeça, olha os homens, encara mesmo, eles adoram. Não serve pra nada ser tímida, nem um segundo mais. Solta tudo de uma vez. Vai andar no Pequeno Chicago no meio das putas, vira uma puta: você vai ganhar dinheiro e não vai mais depender de ninguém. E quem sabe eu vou te encontrar num desses bares de puta, aí eu te faço um sinal, e seremos companheiros de bar; enche bem menos o saco e a gente se diverte muito mais. Não perca mais seu tempo baixando os olhos e fechando as pernas, pintinho, isso não serva mais pra nada. De qualquer forma, agora, casamento, não tem mais jeito. Valia a pena tomar conta de você para o casamento, valia a pena que você baixasse os olhos timidamente até o dia do casamento, mas agora que não tem mais casamento, tudo o mais não interessa. Tudo de uma vez, assim, tudo perdido: o casamento, a família, seu pai, sua mãe, sua irmã; e eu estou pouco me fodendo. Seu pai ronca de miséria, e sua mãe chora; é melhor deixá-los chorando e roncando e ir embora de casa. Você pode fazer filhos: a gente não está nem aí. Você pode fazer o que você quiser. Eu parei de tomar conta de você, e você parou de ser menina. Você não tem mais idade; você poderia ter quinze ou cinqüenta anos, é a mesma coisa. Você é uma fêmea e todo mundo está pouco se fodendo.

## VI. METRÔ

***(EMBAIXO DE UM CARTAZ INTITULADO "PROCURA-SE"; COM A FOTO DE ZUCCO NO CENTRO, SEM NOME; SENTADOS LADO A LADO EM UM BANCO DE UMA ESTAÇÃO DE METRO, DEPOIS DA HORA DE FECHAR; UM SENHOR MAIS VELHO E ZUCCO.)***

**O SENHOR**

- Eu sou um homem velho e me atrasei mais do que seria razoável. Eu estava todo feliz por ter conseguido pegar o último metrô quando de repente, num cruzamento deste labirinto de corredores e escadas, eu não reconheci mais a minha estação, que eu freqüento no entanto tão regularmente que eu pensei que a conhecia tão bem quanto conheço a minha cozinha. Mas eu ignorava que ela escondia, por trás do percurso simples que eu faço todos os dias, um mundo obscuro de túneis, de direções desconhecidas que eu teria preferido ignorar mas que a minhas distração confusa me obrigou a conhecer. Aí de repente as luzes se apagam e deixam somente a claridade dessas luzinhas brancas que eu nem sabia que existiam. Eu ando então, seguindo reto, em um mundo desconhecido, o mais rápido possível, o que não quer dizer muita coisa em vista do homem velho que eu sou. E quando no fim dessas intermináveis escadas rolantes paradas eu tenho a impressão de ter achado uma saída, tandam!..., uma grande enorme interdita a passagem. Agora aqui estou eu, numa situação bem fantástica para um homem da minha idade, punido pela minha distração e pela lentidão do meu passo, esperando não sei exatamente o que e eu nem quero muito saber, porque tem umas novidades hoje em dia que realmente, na minha idade, são difíceis de engolir. Sem dúvida é a manha, é, sem dúvida é isso que eu estou esperando nesta estação que me era tão familiar quanto a minha cozinha, e que agora me dá mesmo. Sem dúvida eu estou esperando que as luzes normais se acendam de novo e que passe o primeiro metrô. Mas eu estou muito ansiosos porque eu não sei como eu vou ver a luz do dia de novo, depois de uma aventura tão extravagante, esta estação não vai parecer nunca mais a mesma, eu não vou poder mais ignorar a presença dessas luzinhas brancas que não existiam antes; e também, uma noite passei uma noite em claro, tudo deve ficar em outra escala, os dias não devem mais se alternar com as noites como era antes. Eu estou muito ansioso em relação a tudo isso. Mas você, meu jovem, cujas pernas me parecem bem ágeis, e o espírito bem claro, sim, eu vejo bem o seu olhar claro, e não embaçado e confuso como o de um homem velho como eu, é impossível acreditar que você se deixaria confundir por estes corredores e estas grades fechadas; não um ovem com o espírito claro como você passaria por uma grade fechada como uma gota d'água passa por um filtro. Você trabalha aqui durante a noite? Fale-me um pouco de você, isso fará com que eu me sinta mais seguro.

**ZUCCO** - Eu sou um rapaz normal e sensato, me senhor. Eu nunca me fiz notar. O senhor repararia em mim se eu não tivesse me sentado ao seu lado? Eu sempre pensei que a melhor maneira de viver tranqüilo seria sendo tão transparente quanto um pedaço de vidro, como um camaleão em cima da

pedra, passar através das paredes, não ter nem cor nem cheiro; que os olhares das pessoas te atravessassem e vissem as pessoas atrás de você, como se você não estivesse lá. É uma tarefa difícil ser transparente; é um trabalho; é um sonho antigo, muito antigo, de ser invisível. Eu não sou um herói. Os heróis são criminosos. Não existem heróis cujas roupas não sejam sujas de sangue, e o sangue é a única coisa no mundo que não pode passar despercebida. É a coisa mais visível do mundo. Quando tudo estiver destruído, quando só tiver uma bruma de fim de mundo cobrindo a terra, vão ficar ainda as roupas sujas de sangue dos heróis. Eu estudei, eu fui um bom aluno. A gente não volta atrás quando se pegou o hábito de ser um bom aluno. Eu estou matriculado na universidade. Sobre os bancos da Sorbone, meu lugar está reservado, entre outros bons alunos no meio dos quais eu não serei notado. Eu te juro que é preciso ser um bom aluno, discreto e invisível, pra estar na Sorbonne. Lá não é uma dessas universidades de subúrbio onde ficam os maus elementos e aqueles que se tomam por heróis. Os corredores da minha universidade são silenciosos e atravessados por sombras das quais não se escuta nem os passos. A partir de amanhã eu voltarei pra continuar meu curso de lingüística. Amanhã, é o dia da aula de lingüística. E lá estarei eu, invisível entre os invisíveis, silencioso e atento dentro da bruma densa da vida comum. Nada vai poder mudar o curso das coisas, meu senhor. Eu sou como um trem que atravessa tranqüilamente uma pradaria e que nada poderia fazer com que descarrilhasse. Eu sou como um hipopótamos afundado na lama, que se movimenta muito devagar e que nada poderia desviar do caminho nem do ritmo que ele decidiu tomar.

**O SENHOR**

- Sempre se pode sair dos trilhos, meu jovem, sim, agora eu sei que qualquer um pode sair dos trilhos, a qualquer momento. Eu que sou um homem velho, eu que pensava que conhecia o mundo e a vida tão bem quanto conheço a minha cozinha, tandan, aqui estou eu fora do mundo, a esta hora que não é hora nenhuma, debaixo de uma luz estranha, e sobretudo com a ansiedade do que vai se passar quando as luzes de sempre se acenderem de novo, e que vai passar o primeiro metrô, e que as pessoas comuns como eu era vão invadir esta estação; e eu, depois desta primeira noite em claro, vai ser preciso que eu saia, atravesse a grade enfim aberta, e veja o dia sendo que eu não vi a noite. E eu não sei nada agora do que vai acontecer, a forma com que eu verei o mundo e com a qual o mundo vai me ver ou não. Porque eu não vou mais saber o que é o dia e o que é a noite, eu não ou mais saber o que fazer, eu vou andar pela minha cozinha procurando a hora e tudo isso me dá muito medo, meu jovem.

**ZUCCO**

- Há o que temer, realmente.

**O SENHOR**

- Você fala um pouco embolado; eu gosto muito disso. Me dá segurança. Me ajuda, acompanha esse homem velho perdido que eu sou, até a saída; e além dela, talvez.

***(AS LUZES DA ESTAÇÃO SE ACENDEM NOVAMENTE. ZUCCO AJUDA O SENHOR MAIS VELHO A SE LEVANTAR E O ACOMPANHA. PASSA O PRIMEIRO METRÔ.)***

## VII. DUAS IRMÃS

***(NA COZINHA. A MENINA, COM UMA BOLSA. ENTRA A SUA IRMÃ.)***

**A IRMÃ**

- Eu te proíbo de ir embora.

**A MENINA**

- Você não pode mais me proibir de nada. De agora em diante eu sou mais velha que você.

**A IRMÃ**

- Que história é essa? Você é um pardalzinho empoleirado num galho de árvore. E eu, eu sou a sua irmã mais velha.

**A MENINA**

- Você é uma virgem eterna, você não sabe nada da vida, você tomou muito bem conta de você, você se protegeu muito bem. Eu, eu já sou mais velha, eu fui violada, eu sou uma perdida, eu tomo as minhas decisões sozinha.

**A IRMÃ**

- Você não é a minha irmãzinha, que me contava todos os seus segredos?

**A MENINA**

- Você não é uma solteirona, que não conhece nada de nada, e que deveria calar a boca diante da minha experiência?

**A IRMÃ**

- De que experiência você está falando? A experiência da desgraça não serve pra nada. Ela só é boa pra ser esquecida o mais rápido possível. Só a experiência da felicidade serve pra alguma coisa. Você vai se lembrar sempre das noites tranqüilas com os seus pais, seu irmão e sua irmã; até quando você estiver bem velhinha, você vai se lembrar disso. Ao passo que a desgraça que se abateu sobre nós, essa você vai esquecer bem depressa, meu passarinho atordoado, debaixo das asas da sua irmã, do seu irmão e dos seus pais.

**A MENINA**

- São os meus pais, meu irmão e minha irmã que eu vou esquecer mais depressa, eu já estou esquecendo; mas nunca a minha desgraça.

**A IRMÃ**

- Seu irmão vai te proteger, minha gaivota; ele vai te amar mais do que qualquer outra pessoa te amou, porque ele sempre te amou como ele nunca amou ninguém. Ele será sozinho todos os homens de quem você vai precisar.

**A MENINA**

- Eu não quero ser amada.

**A IRMÃ**

- Não diga isso. Não tem mais nada que valha alguma coisa nesta vida.

**A MENINA**

- Como você ousa dizer isso? Você nunca teve homem nenhum. Você nunca foi amada. Você nunca ficou sozinha a sua vida inteira, e você foi muito infeliz.

**A IRMÃ**

- Eu nunca fui infeliz, exceto pela sua infelicidade.

**A MENINA** - Pois eu sei que você sempre foi muito infeliz. Eu te peguei várias vezes chorando atrás da cortina.

**A IRMÃ**

- Eu choro sem razão, em horas regulares, pra prevenir, e agora você nunca mais vai me ver chorar; eu já chorei bastante adiantado. Por que você quer ir embora?

**A MENINA**

- Eu quero encontrá-lo de novo.

**A IRMÃ**

- Você não vai encontrá-lo.

**A MENINA**

- Eu vou encontrá-lo.

**A IRMÃ**

- Impossível. Você sabe muito bem que o seu irmão tentou durante dias e noites, para vingar a sua honra.

**A MENINA**

- Só que eu não quero me vingar, então eu vou encontrá-lo.

**A IRMÃ**

- E o que você vai fazer, quando encontrar com ele?

**A MENINA**

- Eu vou dizer alguma coisa pra ele.

**A IRMÃ**

- O quê?

**A MENINA**

- Alguma coisa.

**A IRMÃ**

- Onde você pensa que vai encontrá-lo?

**A MENINA**

- No Pequeno Chicago.

**A IRMÃ**

- Por que você quer se perder, pombinha inocente? Não, não me abandone, não me deixe sozinha. Eu não quero ficar sozinha com o seu irmão e seus pais. Eu não quero ficar sozinha nesta casa. Sem você, minha vida não vai valer mais nada, nada mais terá sentido. Não me abandone, eu te suplico, não me abandone. Eu detesto o seu irmão, e os seus pais, e esta casa; é só você que eu amo, pombinha, minha pombinha; eu só tenho você em toda a minha vida.

**(O PAI ENTRA, FURIOSO)**

**O PAI**

- Sua mãe escondeu a cerveja. Eu vou dar uma surra nela como eu fazia antes. Por que eu parei um dia? Eu estava com o braço cansado, mas eu deveria ter me forçado, feito exercício, feito com que alguém batesse nela por mim. Eu deveria ter continuado como antes: batendo nela todos os dias, em horas regulares. Mas tudo bem, eu fui negligente, e agora, ela me esconde a cerveja, e eu tenho certeza de que você são cúmplices. **(**Ele olha embaixo da mesa**)** Tinha ainda cinco garrafas. Eu vou bater cinco vezes em cada uma se eu não encontroar.

***(ELE SAI.)***

**A IRMÃ**

- Minha rolinha no Pequeno Chicago! Como você deve estar infeliz, e quanto ainda você vai ser.

***(ENTRA A MÃE.)***

**A MÃE**

- Seu pai está de fogo de novo. Ele se entupiu de cerveja, uma atrás da outra. O que é que vocês estão fazendo, vocês duas, assim tão complacentes com esse velho louco? Você me deixam lutando sozinha contra esse bêbado. Vocês não estão nem ligando, estão deixando que ele nos arruine no álcool. Vocês são duas bobonas que falam, falam, você só cuidam das suas historinhas idiotas e me deixam sozinha com esse bêbado. O que que é essa bolsa aí?

**A IRMÃ**

- Ela vai na casa de uma amiga, passar a noite lá.

**A MÃE**

- Uma amiga, uma amiga... Que negócio é esse de amiga? Que história é essa entre meninas? Que necessidade ela tem de passar a noite na casa dessa amiga? As camas são melhores do que aqui? O preto da noite é mais preto lá do que aqui? Se você ainda tivessem a idade e eu a força, eu daria uma surra em vocês duas.

***(ELA SAI.)***

**A IRMÃ**

- Eu não quero que você seja infeliz.

**A MENINA**

- Eu sou infeliz e eu sou feliz. Eu sofri muito, mas eu tive muito prazer nesse sofrimento todo.

**A IRMÃ**

- E eu vou morrer se você me abandonar.

***(A MENINA PEGA SUA BOLSA E SAI.)***

## VIII. LOGO ANTES DE MORRER

***(UM BAR DA NOITE. UMA CABINE TELEFÔNICA. ZUCCO É JOGADO ATRAVÉS DA JANELA, COM UM ESTRONDO DE VIDRO QUEBRADO. GRITOS NO INTERIOR. CONFUSÃO DE GENTE NA PORTA.)***

**ZUCCO** - "Foi assim que eu fui criado como um atleta. Hoje tua cólera enorme me completa. Oh, mar, e eu sou grande sobre o meu chão divino. De toda a tua grandeza mordendo meus pés em vão. Nu, forte, o rosto mergulhado num abismo de bruma."

**UMA PUTA**

- Está um frio do cão. Esse menino vai acabar morrendo.

**UM CARA**

- Não se preocupe com ele. Ele está transpirando, ele deve estar bem quente por dentro.

**ZUCCO**

- "Coberto de barulho e de granizo e de espuma. E de noites e de ventos que se chocam furiosos, eu dirijo meus dois braços ao éter tenebroso."

**UM CARA**

- Ele está bêbado, esse cara.

**OUTRO CARA**

- Impossível. Ele não bebeu nada.

**UMA PUTA**

- Ele está louco, só isso. É melhor deixá-lo tranqüilo.

**O FORTÃO**

- Deixar ele tranqüilo? Ele fica horas enchendo o nosso saco e a gente deve deixar ele tranqüilo? Ele que venha mexer comigo mais uma vez e eu arrebento a cara dele.

**UMA PUTA (**Aproximando-se de Zucco para ajudá-lo a se levantar**)**

- Não procura mais briga, garoto, não procura mais briga. Sua carinha bonita já está bem estragada. Você então não quer mais que as garotas se virem pra olhar pra você? É frágil uma carinha, bebê. A gente acha que tem ela pra vida toda e de repente vem um idiota bem feio, que não tem nada a perder com a dele, e acaba com ela? Já você tem muito a perder, bebê. Uma cara quebrada e toda a sua vida está perdida como se tivessem cortado o seu rabo. Você não pensa antes, mas eu te juro que depois você vai pensar. Não me olha assim senão eu choro; você é da raça daqueles que dão vontade de chorar só de olhar.

***(ZUCCO SE APROXIMA DO FORTÃO E DÁ-LHE UM SOCO.)***

**UMA PUTA**

- Eles não vão começar de novo.

**O FORTÃO** - Não me provoca, menino, não me provoca.

***(ZUCCO LHE DÁ UM SEGUNDO SOCO. O FORTÃO REAGE. ELES BRIGAM.)***

**UMA PUTA**

- Eu vou chamar a polícia. Ele vai matá-lo.

**UMA CARA**

- Não é o caso de chamar a polícia.

**OUTRO CARA**

- De qualquer forma ele já está esborrachado no chão.

***(ZUCCO SE LEVANTA E VAI ATRÁS DO FORTÃO QUE ESTAVA INDO EMBORA. CHEGA PERTO DELE E LHE BATE NA CARA.)***

**UMA PUTA**

- Não reage, deixa ele tranqüilo, ele já nem consegue ficar em pé.

**ZUCCO**

- Vem cá, seu bosta, seu covarde, seu brocha.

***(O FORTÃO DÁ-LHE UM FORTE EMPURRÃO, JOGA ZUCCO LONGE.)***

**O FORTÃO**

- Mais uma vez, e eu esmago esse cara, igual eu esmago um mosquito.

***(ZUCCO SE LEVANTA NOVAMENTE, PROCURA BRIGA MAIS UMA VEZ.)***

**UMA PUTA (**Ao Fortão**)**

- Não encosta mais nele, não toca mais nele, não acaba com ele.

***(O FORTÃO DÁ UM SOCO EM ZUCCO.)***

**UM CARA**

- Ele acabou com esse cara.

**UMA PUTA**

- Foi fácil. Ele tem razão em dizer que você são uns covardes.

**O FORTÃO** - Um homem não deve se deixar morder duas vezes pelo mesmo cachorro.

***(ELES ENTRAM NO BAR. ZUCCO SE LEVANTA, APROXIMA-SE DA CABINE. TIRA O TELEFONE DO GANCHO, DISCA UM NÚMERO, ESPERA.)***

**ZUCCO**

Eu quero ir embora. É preciso ir embora logo. Faz muito calor nesta merda de cidade. Eu quero ir para a neve da África. É preciso que eu vá embora porque eu vou morrer. De qualquer forma, ninguém se interessa por ninguém. Ninguém. Os homens precisam de mulheres e as mulheres precisam de homens. Mas amor, não há. Com as mulheres, é por pena que meu pau sobe. Eu gostaria de nascer de novo como um cachorro para ser menos infeliz. Cachorro de rua, remexendo no lixo; ninguém me notaria. Eu gostaria de ser um cachorro amarelo, cheio de sarna, um cachorro jogado fora sem importância. Eu gostaria de ser um vira-lata remexendo no lixo por toda a eternidade. Eu acho que não há palavras, não há nada a dizer. É preciso parar de ensinar as palavras, não há nada a dizer. É preciso parar de ensinar as palavras. É preciso fechar as escolas e aumentar os cemitérios. De qualquer forma, um ano, cem anos, é tudo a mesma coisa; mais cedo ou mais tarde todos nós devemos morrer, todos. E isso, isso faz os pássaros cantarem, faz os pássaros rirem.

**UMA PUTA (**Na porta do bar**)**

- Eu falei pra você que ele era louco. Ele fala com um telefone que não funciona.

***(ZUCCO SOLTA O TELEFONE, SENTA ENCOSTADO NA CABINE. O FORTÃO SE APROXIMA DE ZUCCO.)***

**O FORTÃO**

- Em que você está pensando, garoto?

**ZUCCO**

- Estou pensando na imortalidade do caranguejo, da lesma e do besouro.

**O FORTÃO**

- Você sabe, eu não gosto de brigar. Mas você me provocou tanto, garoto, que não deu pra agüentar calado. Por que você estava procurando uma briga? Parece que você quer morrer.

**ZUCCO**

- Eu não quero morrer. Eu vou morrer.

**O FORTÃO**

- Como todo mundo, garoto.

**ZUCCO**

- Não é um motivo.

**O FORTÃO**

- Talvez.

**ZUCCO**

- O problema, com a cerveja, é que a gente não compra, a gente só aluga! Eu preciso mijar.

**O FORTÃO**

- Então vai, antes que seja tarde.

**ZUCCO**

- É verdade que até os cachorros vão me olhar atravessado?

**O FORTÃO**

- Os cachorros nunca olham atravessado pra ninguém. Os cachorros são os únicos seres em que você pode confiar. Eles gostam de você ou não, mas eles nunca te julgam. E quando todo mundo tiver te abandonado, garoto, vai ter sempre um cachorro pra te lamber os pés.

**ZUCCO**

- "Morte villana, di pietà nemica, di dolor madre antica, giudicio incontestabile gravoso, di te blasmar la lingua s'affatica."

**O FORTÃO**

- Você precisa mijar.

**ZUCCO**

- Tarde demais.

***(AURORA DA MANHA. ZUCCO ADORMECE.)***

## IX. DALILA

***(DELEGACIA DE POLÍCIA. UM DELEGADO E UM COMISSÁRIO DE POLÍCIA. ENTRA A MENINA SEGUIDA POR SEU IRMÃO. ELE FICA NA ENTRADA. A MENINA AVANÇA EM DIREÇÃO AO RETRATO DE ZUCCO E DESENHA COM O DEDO POR CIMA DO PAPEL.***

**A MENINA**

- Eu conheço ele.

**COMISSÁRIO**

- O que é que você conhece?

**A MENINA**

- Esse moço. Eu conheço ele muito bem.

**DELEGADO**

- Quem é?

**A MENINA**

- Um agente secreto. Um amigo.

**DELEGADO**

- Quem é esse aí, atrás de você?

**A MENINA**

- Meu irmão. Ele veio comigo. Foi ele que me disse para vir aqui porque eu reconhece essa foto na rua.

**DELEGADO**

- Você sabe que ele está sendo procurado?

**A MENINA**

- Sei; eu também estou procurando.

**DELEGADO**

- É um amigo, você disse?

**A MENINA**

- Um amigo, é, um amigo.

**DELEGADO** - Um matador de policiais. Você vai ser detida e acusada de ser cúmplice, de ocultar armas e não denunciar um malfeitor.

**A MENINA**

- Foi meu irmão que me disse para eu vir aqui avisa que eu conhecia ele. Eu não estou ocultando nada, eu não estou denunciando ninguém. Eu conheço ele. Só isso.

**DELEGADO**

- Fala para o seu irmão sair.

**COMISSÁRIO**

- Você não ouviu? Fora, você.

***(O IRMÃO SAI.)***

**DELEGADO**

- O que você sabe dele?

**A MENINA**

- Tudo.

**DELEGADO**

- Francês? Estrangeiro?

**A MENINA**

- Ele tinha um pequeno sotaque estrangeiro, muito simpático.

**COMISSÁRIO**

- Germânico?

**A MENINA**

- Eu não sei o que quer dizer germânico.

**DELEGADO**

- Então, ele te disse que era agente secreto. É estranho. Em princípio, um agente secreto deve permanecer secreto.

**A MENINA** - Eu disse pra ele que eu guardaria esse segredo a qualquer custo.

**COMISSÁRIO**

- Bravo. Se todos segredos fossem guardados como esse o nosso trabalho seria fácil.

**A MENINA**

- Ele me disse que ia fazer missões na África, nas montanhas, lá onde tem neve o tempo todo.

**DELEGADO**

- Um agente alemão no Quênia.

**COMISSÁRIO**

- As suposições da polícia não estavam tão erradas, afinal.

**DELEGADO**

- Elas estavam exatas, comissário. **(**Para a menina**)** E o nome dele, agora. Você sabe? Você deve saber já que ele era seu amigo.

**A MENINA**

- Sim, eu sei.

**COMISSÁRIO**

- Fala.

**A MENINA**

- Eu sei muito bem.

**COMISSÁRIO**

- Você está brincando conosco, menina. Você está querendo apanhar?

**A MENINA**

- Eu não quero apanhar. Eu sei o nome dele, mas eu não consigo dizer.

**DELEGADO**

- Como assim, você não consegue dizer?

**A MENINA**

- Eu estou com ele aqui, na ponta da língua.

**COMISSÁRIO**

- Na ponta da língua, na ponta da língua. Você está querendo apanhar? Quer levar uns socos, e que a gente arranque o seu cabelo? Nós temos aqui salas equipadas especialmente para isso, você sabe.

**A MENINA**

- Não, não, eu estou com ele aqui; já está vindo.

**DELEGADO**

- O primeiro nome, pelo menos. Você deve se lembrar muito bem, você deve ter lambido isso na orelha dele.

**COMISSÁRIO**

- Um nome, um nome. Qualquer um, ou eu te meto na sala de tortura.

**A MENINA**

- André.

**DELEGADO (**Para o comissário**)**

- Anote: André. **(**Para a menina**)** Você tem certeza?

**A MENINA**

- Não

**COMISSÁRIO**

- Eu vou matar essa menina.

**DELEGADO**

- Lembra essa porcaria de nome ou eu te meto uma bala pela goela abaixo. Anda logo ou você vai se lembrar disto.

**A MENINA**

- Ângelo.

**DELEGADO**

- Um espanhol.

**COMISSÁRIO** - Ou um italiano, um brasileiro, um português, um mexicano: eu conheci até um berlinense que se chamava Júlio.

**DELEGADO**

- Você sabe das coisas, comissário. **(**Para a menina**)** Eu estou ficando nervoso.

**A MENINA**

- Está coçando aqui na minha boca, eu estou sentindo, comissário.

**COMISSÁRIO**

- Quer uma porrada na sua boca para ajudar a vir mais rápido?

**A MENINA**

- Ângelo, Ângelo, Dolce, ou alguma coisa assim.

**DELEGADO**

- Dolce? De doce?

**A MENINA**

- Doce, é. Ele me disse que seu nome parecia um nome estrangeiro que queria dizer doce, ou açucarado. **(**Ela chora**)** Ele era tão doce, tão delicado.

**DELEGADO**

- Tem muitas palavras para dizer açucarado, eu imagino.

**COMISSÁRIO**

- Azucarado, zuccherato, sweetened, gezuckert, ocukzony.

**DELEGADO**

- Eu já sei isso tudo, comissário.

**A MENINA**

- Zucco. Zucco. Roberto Zucco.

**DELEGADO** - Você tem certeza?

**A MENINA**

- Tenho. Certeza absoluta.

**COMISSÁRIO**

- Zucco. Com Z?

**A MENINA**

- Com Z, é. Roberto. Com Z.

**DELEGADO**

- Leve a garota para prestar depoimento.

**A MENINA**

- E o meu irmão?

**COMISSÁRIO**

- Seu irmão? Que irmão? Para que você precisa de irmão? Nós estamos aqui.

***(ELES SAEM.)***

## X. O REFÉM

***(EM UM PARQUE EM PLENO DIA. UMA SENHORA ELEGANTE ESTÁ SENTADA EM UM BANCO. ENTRA ZUCCO.)***

**A SENHORA**

- Sente-se aqui ao meu lado. Fale comigo. Eu me aborreço; vamos conversar. Eu detesto os parques públicos. Você parece tímido. Eu o intimido?

**ZUCCO**

- Eu não sou tímido.

**A SENHORA**

- No entanto, você tem as mãos trêmulas como um menino diante de sua primeira garota. Você tem uma cara boa. Você é uma rapaz bonito. Você gosta das mulheres? Você é quase um rapaz bonito demais para gostar das mulheres.

**ZUCCO**

- Eu gosto bastante das mulheres, é muito.

**A SENHORA**

- Você deve gostar desse tipo de meninas assim de dezoito anos.

**ZUCCO**

- Eu gosto de todas as mulheres

**A SENHORA**

- Ah, isso é muito bom. Você já foi duro com uma mulher?

**ZUCCO**

- Nunca.

**A SENHORA**

- Mas e vontade? Você já deve ter tido vontade de ser violento com uma mulher, não é? Essa vontade, todos os homens já tiveram um dia; todos.

**ZUCCO**

- Eu não. Eu sou doce e pacífico.

**A SENHORA**

- Você é um tipo estranho.

**ZUCCO**

- Você veio de táxi?

**A SENHORA**

- Ah não. Eu não suporto chofer de táxi.

**ZUCCO**

- Então, você veio de carro.

**A SENHORA**

- Evidentemente. Eu não vim a pé; eu moro do outro lado da cidade.

**ZUCCO** - Que marca, o carro?

**A SENHORA**

- Você pensaria talvez que eu tivesse um Porshe? Não, eu tenho apenas uma porcaria de carro. Meu marido é um pão-duro.

**ZUCCO**

- Que marca?

**A SENHORA**

- Mercedes.

**ZUCCO**

- Qual?

**A SENHORA**

- 280 SE.

**ZUCCO**

- Não é uma porcaria de carro

**A SENHORA**

- Talvez, não. Mas meu marido é um pão-duro assim mesmo.

**ZUCCO**

- Que é isso aí? Esse cara fica te olhando o tempo todo?

**A SENHORA**

- É meu filho.

**ZUCCO**

- Seu filho? Grande, ele.

**A SENHORA**

- Quatorze anos, nem um ano a mais. Eu não sou nenhuma velha.

**ZUCCO**

- Ele parece mais velho. Ele pratica esportes?

**A SENHORA**

- É a única coisa que ele faz. Eu pago pra ele todos os clubes da cidade, todas as quadras de tênis , de hóquei, de golfe, e com isso, ele encontra um jeito de eu ir com ele aos treinos. É um moleque idiota.

**ZUCCO** - Ele parece forte para sua idade. Me dê as chaves do seu carro.

**A SENHORA**

- Claro, claro. Talvez você queira o carro também.

**ZUCCO**

- É, eu quero o carro.

**A SENHORA**

- Então pega.

**A SENHORA**

- Me dê as chaves.

**A SENHORA**

- Você está me cansando.

**ZUCCO**

- Me dá as chaves. **(**Ele saca o revólver, coloca-o sobre os joelhos.**)**

**A SENHORA**

- Você é louco. Não se brinca com essas coisas.

**ZUCCO**

- Chama o seu filho.

**A SENHORA**

- Mas é claro que não.

**ZUCCO (**Ameaçando-a com o revólver**)**

- Chame o seu filho.

**A SENHORA**

- Você está louco. **(**Gritando para o filho**)** Vai embora daqui. Volta pra casa. Dá um jeito e vai pra casa sozinho.

***(O MENINO SE APROXIMA, A MULHER SE LEVANTA, ZUCCO PÕE O REVÓLVER SOBRE A GARGANTA DELA.)***

**A SENHORA**

- Atira então, imbecil. Eu não vou te dar as chaves, já que você pensa que eu sou uma idiota. Meu marido acha que eu sou uma idiota, meu filho acha que eu sou uma idiota – pode atirar, vai ser uma idiota a menos no mundo. Mas eu não vou te dar as chaves. Azar seu, porque é uma carro maravilhoso, com bancos de couro e painel de ébano. Azar seu. Pare de fazer escândalo. Veja bem: esses imbecis vão se aproximar, vão fazer comentários, eles vão chamar a polícia. Veja bem: eles já estão lambendo os beiços. Eles adoram isso. Eu não suporto os comentários dessa gente. Atira então. Eu ao quero ouvi-los, eu não quero ouvir.

**ZUCCO (**Para o menino**)**

- Não se aproxime.

**UM HOMEM**

- Olha como ele treme.

**ZUCCO**

- Não se aproxime, eu estou falando. Deita no chão.

**UMA MULHER**

- É da criança que ele tem medo.

**ZUCCO**

- E agora, as mãos ao longo do corpo. Aproxime-se.

**UMA MULHER**

- Mas como é que ele quer que o menino se arraste com as mãos ao longo do corpo?

**UM HOMEM**

- É possível, é possível. Eu conseguiria.

**ZUCCO**

- Devagar. As mãos pra trás. Não levanta a cabeça. Pára. **(**O menino se mexe**)** Não se mexa, ou eu mato a sua mãe.

**UM HOMEM**

- Ele vai fazer isso.

**UMA MULHER**

- É claro. Ele vai matar. Pobre garoto.

**ZUCCO**

- Você jura que não vai se mexer?

**O MENINO**

- Juro.

**ZUCCO**

- Põe direito a cabeça no chão. Vai virando devagar a cabeça pro outro lado. Vira de lado, eu não quero que você possa nos ver.

**O MENINO**

- Mas por que você tem medo de mim? Eu não posso fazer nada. Eu sou uma criança. Eu não quero que matem minha mãe. Não tem porque ter medo de mim: você é muito mais forte do que eu.

**ZUCCO**

- É, eu sou mais forte do que você.

**O MENINO**

- Aí, então, por que você tem medo de mim? O que eu poderia fazer contra você? Eu sou pequenininho.

**ZUCCO**

- Você não é tão pequeno assim, e eu não tenho medo.

**O MENINO** - Tem sim, você está tremendo, você está tremendo. Eu estou ouvindo muito bem que você está tremendo.

**UM HOMEM**

- Chegou a polícia.

**UMA MULHER**

- Agora, ele vai ter motivos para tremer.

**UM HOMEM**

- Agente vai rir. A gente vai rir.

**ZUCCO (**Para o menino**)**

- Feche os olhos.

**O MENINO**

- Eles estão fechados. Eles estão fechados. Meu Deus, mas você é um medroso.

**ZUCCO**

- Fecha a boca, também.

**O MENINO**

- Tá bom, eu fecho tudo. Mas você é um medroso. Você dá medo a uma mulher. É uma mulher que você está ameaçando com a sua arma.

**ZUCCO**

- Qual é o carro da sua mãe?

**O MENINO**

- Um Porsche, provavelmente.

**ZUCCO**

- Pára de falar. Calado. Fecha a boca. Fecha os olhos. Finge de morto.

**O MENINO**

- Eu não sei fingir de morto.

**ZUCCO**

- Você já vai saber. Eu vou matar a sua mãe e você vai ver o que é se fazer de morto.

**UMA MULHER**

- Pobre garoto.

**O MENINO**

- Eu estou fingindo de morto. Estou fingindo de morto.

**UM HOMEM**

- A polícia não chega perto.

**UMA MULHER**

- Eles estão com medo.

**UM HOMEM**

- Não. Isso é estratégia. Eles sabem o que estão fazendo. Eles têm meios que a gente não conhece. Mas eles sabem o que fazem, pode acreditar. O rapaz está perdido.

**UM HOMEM**

- A mulher também, sem dúvida.

**UM HOMEM**

- Não se faz uma omelete sem se quebrar os ovos.

**UMA MULHER**

- Mas que ele não toque no garoto, pelo menos não no garoto, meu Deus.

***(ZUCCO SE APROXIMA DO MENINO EMPURRANDO A MULHER, SEMPRE COM A ARMA APONTADA PARA A SUA GARGANTA. PÕE ENTÃO O PÉ EM CIMA DA CABEÇA DO MENINO.)***

**UMA MULHER**

- Ah, meu Deus, as crianças de hoje vêem cada coisa.

**UM HOMEM**

- Nós também vimos muitas coisas quando éramos crianças.

**UMA MULHER**

- Porque o senhor foi ameaçado por um louco, o senhor também?

**UM HOMEM**

- E a guerra, minha senhora, a senhora já se esqueceu da guerra?

**UMA MULHER**

- Ah é? Por que os alemães punham o pé em cima da sua cabeça e ameaçavam a sua mãe?

**UM HOMEM**

- Pior que isso, senhora, pior que isso.

**UMA MULHER**

- Em todo o caso, aqui está o senhor, bem vivo, bem velho e bem gordo.

**UM HOMEM**

- Minha senhora, a senhora está sendo grosseira.

**UMA MULHER**

- Eu só estou pensando na criança, só estou pensando na criança.

**UM HOMEM**

- Mas enfim, parem com essa criança de vocês. É a mulher que está com o revólver no pescoço.

**UMA MULHER**

- É, mas é a criança que vai sofrer.

**UMA MULHER**

- Me diga então, meu senhor, é isso o que o senhor chama de técnica especial da polícia? Você fala de uma técnica. Eles ficam do outro lado do parque. Eles estão com medo.

**UM HOMEM**

- Eu falei que era estratégia.

**UM HOMEM**

- Estratégia meu cu!

**POLICIAIS (**De longe**)**

- Largue essa arma.

**UMA MULHER**

- Bravo.

**UMA MULHER**

- Estamos salvos.

**UM HOMEM**

- Bendita estratégia.

**UM HOMEM**

- Esses estão preparando um golpe, eu estou falando.

**UMA MULHER**

- Eu só estou vendo esse aqui que está preparando um golpe.

**UM HOMEM**

- O golpe já foi praticamente dado, aliás.

**UMA MULHER**

- Pobre garoto.

**UM HOMEM**

- Minha senhora, eu vou lhe dar uma bofetada se a senhora continuar falando do garoto.

**UM HOMEM**

- Vocês acreditam realmente que é hora de ficar brigando? Um pouco de dignidade. Nós somos testemunhas de um drama. Nós estamos diante da morte.

**POLICIAS (**De longe.**)**

- Nós estamos mandando você largar essa arma. Você está cercado. **(**A assistência cai na gargalhada.**)**

**ZUCCO**

- Diz pra ela me dar as chaves do carro. É um Porsche.

**A SENHORA**

- Imbecil.

**UMA MULHER** - Dê a chave pra ele, dê a chave pra ele.

**A SENHORA**

- Nunca. Ele mesmo que pegue.

**UM HOMEM**

- Ele vai arrebentar a sua cara, minha senhora.

**A SENHORA**

- Melhor assim. Eu não verei mais a cara de vocês. Muito melhor.

**UMA MULHER**

- Essa mulher é horrorosa.

**UM HOMEM**

- Ela é horrível. Tem tanta gente horrível e cruel.

**UMA MULHER**

- Peguem as chaves à força. Será que não tem uma homem aqui pra remexer nos bolsos dela e pegar essas chaves?

**UMA MULHER**

- O senhor, aí, que sofreu tanto quando era pequeno, o senhor em quem os alemães metiam o pé em cima da sua cabeça ameaçando a sua mãe, mostra então que o senhor tem colhões, mostra então que o senhor tem pelos menos um ainda, mesmo pequeno, mesmo ressecado.

**UM HOMEM**

- Minha senhora, a senhora merece levar um tabefe. A senhora tem sorte de eu ser um homem do mundo.

**UMA MULHER**

- Revire então nos bolsos dela, pegue as chaves, e me dê um tapa depois.

***(O HOMEM SE APROXIMA TREMENDO, ESTICA O BRAÇO, PROCURA NO BOLSO DA SENHORA ELEGANTE, PEGA AS CHAVES.)***

**A SENHORA**

- Imbecil.

**UM HOMEM (**Triunfante**)**

- Vocês viram? Vocês viram? Que tragam esse Porsche até aqui. **(**A senhora elegante ri.**)**

**UMA MULHER**

- Ela está rindo. Ela encontra hora pra rir enquanto seu filho vai morrer.

**UMA MULHER**

- Que horror.

**UM HOMEM** - É uma louca.

**UM HOMEM**

- Dê as chaves pros guardas. Que eles cuidem disso, pelo menos. Eu espero que pelo menos eles saibam dirigir um carro.

***(O HOMEM VOLTA CORRENDO.)***

**UM HOMEM**

- Não é um Porsche. É um Mercedes.

**UM HOMEM**

- Qual modelo?

**UM HOMEM**

- 280 SE, eu acho. Muito bonito.

**UM HOMEM**

- Mercedes, é um ótimo carro.

**UMA MULHER**

- Mas tragam o carro logo, qualquer que seja a marca. Ele vai matar todo mundo.

**ZUCCO**

- Eu quero um Porsche. Eu não quero que gozem da minha cara.

**UMA MULHER**

- Peçam para os guardas acharem um Porsche. Não discutam. Já que ele é um louco, ele é um louco. É preciso encontrar um Porsche pra ele.

**UM HOMEM**

- Isso, pelo menos, os guardas vão saber fazer.

**UM HOMEM**

- Vai saber. Eles ficam de fora.

***(VÃO EM DIREÇÃO AOS POLICIAIS.)***

**UM HOMEM**

- Olhem pra nós, nós, homens do povo. Nós somos mais corajosos do que eles.

**UMA MULHER (**Para o menino**)**

- Pobre criança. Este pé horrível não está te machucando?

**ZUCCO**

- Cala a boca. Eu não quero que falem com ele. Eu não quero que ele abra a boca. Fecha os olhos, você. Não se mexa.

**UM HOMEM**

- E a senhora? Como a senhora está se sentindo?

**A SENHORA**

- Tudo bem, obrigada, tudo bem. Mas eu me sentiria tão melhor se vocês calassem essas bocas e voltassem para as suas cozinhas e fossem bater nos seus filhos.

**UMA MULHER**

- Ela é dura. Ela é dura.

**UM POLICIAL (**Do outro lado da confusão**)**

- Aqui estão as chaves do carro. É um Porsche. Ele está ali. Você pode vê-lo daqui. **(**Para as pessoas**)** Passem as chaves pra ele.

**UM HOMEM**

- Entregue pra ele você mesmo. É o seu trabalho, seu meio, os matadores.

**UM POLICIAL**

- Nós temos nossas razoes.

**UMA MULHER**

- Razões meu cu.

**UM HOMEM** - Eu não toco nessas chaves. Não é meu trabalho. Eu sou pai de família.

**ZUCCO** - Eu vou matar essa mulher, e eu dou um tiro n minha cabeça. Eu estou pouco me fodendo pela minha vida. Eu juro pra vocês que eu estou pouco me fodendo. Tem seis balas nesse revólver. Eu mato cinco pessoas e me mato depois.

**UMA MULHER** - Ele vai fazer isso. Ele vai fazer. Vamos embora.

**UM POLICIAL**

- Não se mexam. Vocês vão irritá-lo.

**UM HOMEM**

- É você que está nos irritando aí, sem fazer nada.

**UM HOMEM**

- Não os chateie. Deixe-os agir. Eles têm um plano, com certeza.

**UM POLICIAL**

- Não se mexa. **(**Ele põe a chave no chão e, com um bastão, empurra-a por baixo das pernas das pessoas até os pés de Zucco. Zucco se abaixa devagar, pega a chave, coloca-a no bolso.**)**

**ZUCCO**

- Eu levo a mulher comigo. Vão embora.

**UMA MULHER**

- A criança está salva. Obrigada, meu Deus.

**UM HOMEM**

- E a mulher? O que vai acontecer a ela?

**ZUCCO** - Vão embora.

***(TODO MUNDO VAI EMBORA. COM O REVÓLVER NUMA MÃO, ZUCCO SE ABAIXA, PEGA A CABEÇA DO MENINO PELOS CABELOS, E LHE DÁ UM TIRO NA NUCA. GRITOS, CONFUSÃO, FUGA. COM O REVÓLVER NO PESCOÇO DA MULHER, ZUCCO, NO PARQUE QUASE DESERTO, VAI EM DIREÇÃO AO CARRO.)***

## XI. O NEGÓCIO

***(NA RECEPÇÃO DO HOTEL DO PEQUENO CHICAGO. A DONA DO BORDEL NA SUA POLTRONA, E A MENINA QUE ESPERA.)***

**A MENINA**

- Eu sou feia.

**A MADAME**

- Não diga besteiras, patinho.

**A MENINA**

- Eu sou gorda, tenho queixo duplo, duas barrigas, seios como duas bolas de futebol, e quanto à bunda, ainda bem que fica na parte de trás, assim a gente não vê. Mas eu tenho certeza de que ela é igual a dois presuntos que balançam em cada passo que eu dou.

**A MADAME**

- Você quer calar essa boca, tolinha.

**A MENINA**

- Eu tenho certeza, eu tenho certeza; eu vejo muito bem, na rua, os cachorros me seguindo com a língua de fora e com aquela baba na boca. Se eu deixasse eles meteriam os dentes, como se estivessem num açougue.

**A MADAME**

- Mas de onde você tirou isso, sua peruazinha? Você é bonita, você é redonda, roliça, você tem boas formas. Você acha que os homens gostam de galhos secos de árvore que a gente tem medo de quebrar só de encostar a mão? Eles gostam das formas, minha pequena, eles gostas das formas que enchem bem uma mão.

**A MENINA**

- Eu queria ser magra. Eu queria ser um galho seco de árvore que a gente tem medo de quebrar.

**A MADAME**

- Pois bem, eu não. E além do mais, você é redonda hoje, você pode ser magra amanha. Uma mulher muda, durante a vida. Ela não precisa se preocupar com isso. Quando eu era moça como você, eu era magra, magra, quase dava pra ver através de mim, só um pouco de pele e alguns ossos. Nem sombra de peito. Reta como um menino. Isso me dava uma raiva, porque nessa época eu não gostava dos meninos. Eu sonhava em me arredondar, eu sonhava em ter seios bonitos. Então eu colocava uns peitos falsos de papelão que eu mesma fabricava. Mas os meninos perceberam logo

e, cada vez que eles passavam na minha frente, eles me davam uma cotovelada no peito e destruíam tudo. Depois de algumas vezes, eu coloquei uma agulha dentro do seio e os gritos se ouviram em toda cidade, você pode acreditar. E então, você vê, tudo começou a se arredondar, a se encher, e eu fiquei bem contente. Pode ficar tranqüila, meu passarinho atordoado; você é roliça hoje, você pode ser magra amanha.

**A MENINA**

- Pouco importa. Hoje eu sou feia, gorada, e infeliz.

***(ENTRA O IRMÃO, CONVERSANDO COM UM CAFETÃO. ELES NEM OLHAM PARA A MENINA.)***

**O CAFETÃO (**Impaciente**)**

- É caro demais.

**O IRMÃO**

- Isso não tem preço.

**O CAFETÃO**

- Tudo tem um preço, e o seu está caro demais.

**O IRMÃO** - Quando a gente pode pôr um preço em alguma coisa, isso quer dizer que não vale grande coisa. Quer dizer que a gente pode conversar, baixar, aumentar o preço. Eu fixei o preço abstratamente porque isso não tem preço. É como um quadro de Picasso: você já ouviu alguém dizer que está caro demais? Você já viu um vendedor baixar o preço de um Picasso? O preço que se fixa, nesse caso, é uma abstração.

**O CAFETÃO**

- Resumindo, é uma abstração que vai passar do meu bolso pro seu, e o vazio que vai ficar no meu bolso, eu não penso que seja tão abstrato assim.

**O IRMÃO**

- Um vazio como esse, enche-se. Você vai enchê-lo bem depressa, pode acreditar, e você vai esquecer o preço que você pagou em um tempo menor do que este que você está gastando pra discutir o preço. Mas eu, eu não discuto. É pegar ou largar. Ou você faz o melhor negócio do ano ou você fica na miséria.

**O CAFETÃO**

- Não fique nervoso, não fique nervoso. Eu estou refletindo.

**O IRMÃO**

- Reflita, reflita, mas não demore demais. Eu preciso acompanhar a minha irmã até em casa.

**O CAFETÃO**

- Tá bom, eu pego.

**O IRMÃO (**Para a menina**)**

- Você tem o nariz que brilha, pintinho. Você vai precisar pensar em por um pó aí. **(**A menina sai. Eles olham para ela.**)** E então, meu Picasso?

**O CAFETÃO**

- Eu continuo achando que está caro.

**O IRMÃO**

- Ela vai te fazer ganhar bastante dinheiro pra que você esqueça o preço.

***(TROCA DE DINHEIRO.)***

**O CAFETÃO**

- Quando é que ele vai estar disponível?

**O IRMÃO**

- Não fica nervoso, não fica nervoso; a gente tem todo o tempo.

**O CAFETÃO**

- Não, a gente não tem todo o tempo. Você tem o dinheiro, eu quero a menina.

**O IRMÃO**

- Ela é sua, ela é sua, é como se ela já fosse sua.

**O CAFETÃO**

- Agora que você já tem o dinheiro, você se arrepende.

**O IRMÃO** - Eu não me arrependo de nada, nada. Eu estou pensando.

**O CAFETÃO**

- Em que você está pensando? Não é o momento de pensar. Quando, então?

**O IRMÃO**

- Amanhã, depois de amanhã.

**O CAFETÃO**

- Por que não hoje?

**O IRMÃO**

- É, por que não hoje? Esta noite.

**O CAFETÃO**

- Por que não agora?

**O IRMÃO**

- Você está ficando nervoso, está ficando nervoso. **(**Escuta-se o barulho dos passos da menina**)** Agora, tudo bem. **(**O irmão sai depressa e vai se esconder em um quarto.**)**

***(ENTRA A MENINA.)***

**A MENINA**

- Onde está o meu irmão?

**O CAFETÃO**

- Ele me encarregou de tomar conta de você.

**A MENINA**

- Eu quero saber onde está o meu irmão.

**O CAFETÃO**

- Anda, vem comigo.

**A MENINA**

- Eu não quero ir com você.

**A MADAME**

- Obedeça imediatamente, perua gorda. Não se discute as ordens de um irmão.

***(A MENINA E O CAFETÃO SAEM. O IRMÃO SAI DO QUARTO E SE SENTA NA FRENTE DA MADAME.)***

**O IRMÃO**

- Não fui eu que quis, madame, eu te juro. Foi ela que insistiu, foi ela quem quis vir pra cá e fazer esse trabalho. Ela está procurando não sei quem, e ela quer encontrá-lo de novo. Ela tem certeza de que vai encontrá-lo aqui. Eu não queria. Eu tomei conta dela como nenhum irmão mais velho jamais fez com uma irmã. Meu pintinho, minha bonequinha, eu nunca amei ninguém como eu a amei. Eu não posso fazer nada. A desgraça se abateu sobre nós. Foi ela que quis, e eu apenas cedi. Eu nunca pude deixar de ceder a uma vontade da minha irmãzinha. É a desgraça que nos escolheu e que nos persegue. **(**Ele chora.**)**

**A MADAME**

- Você é uma bela imundície.

## XII. A ESTAÇÃO

***(NUMA ESTAÇÃO DE TREM.)***

**ZUCCO**

- Roberto Zucco.

**A SENHORA**

- Por que você fica repetindo o tempo todo esse nome?

**ZUCCO**

- Porque eu tenho medo de esquecer.

**A SENHORA**

- Não se esquece o próprio nome. Deve ser a última coisa que a gente esquece.

**ZUCCO**

- Não, não; eu esqueço. Eu o vejo escrito no meu cérebro, e cada vez menos bem escrito, cada vez menos claramente, como se ele fosse se apagando; é preciso que eu olhe cada vez mais de perto pra conseguir ler. Eu tenho medo de ficar sem saber meu nome.

**A SENHORA**

- Eu não vou esquecer. Eu serei a sua memória.

**ZUCCO (**Depois de um tempo.**)**

- Eu gosto das mulheres. Eu gosto demais das mulheres.

**A SENHORA**

- Nunca se gosta demais delas.

**ZUCCO**

- Eu gosto delas, eu gosto delas, de todas. Não há mulheres bastante.

**A SENHORA**

- Então, você gosta de mim.

**ZUCCO**

- É claro, já que você é uma mulher.

**A SENHORA** - por que você me trouxe aqui com você?

**ZUCCO**

- porque eu vou pegar o trem.

**A SENHORA**

- E o Porsche? Pro que você não vai com o Porsche?

**ZUCCO**

- Eu não quero que reparem em mim. Em um trem, ninguém vê ninguém.

**A SENHORA**

- E eu estou convocada pra ir com você?

**ZUCCO**

- Não.

**A SENHORA**

- Por que não? Eu não tenho nenhum motivo pra não pegar esse trem com você. Você não me desagradou desde que eu o vi. Eu vou pegar esse trem com você. Aliás, é isso o que você quer, senão, você teria me matado ou me deixado naquele parque.

**ZUCCO**

- Eu preciso que você me dê dinheiro pra pegar o trem. Eu não tenho dinheiro. Minha mãe devia me dar mas ela esqueceu.

**A SENHORA**

- As mães sempre esquecem de dar dinheiro. Onde você quer ir?

**ZUCCO**

- Pra Veneza.

**A SENHORA**

- Veneza? Que idéia estranha.

**ZUCCO**

- Você conhece Veneza?

**A SENHORA**

- É claro. Todo mundo conhece Veneza.

**ZUCCO**

- Foi lá que eu nasci.

**A SENHORA**

- Bravo. Eu sempre pensei que ninguém nascia em Veneza, e que todo mundo morria lá. Os bebês devem nascer todos empoeirados e cobertos de teias de aranha. Em todo caso, a França te lavou muito bem. Eu não vejo nem traços de poeira. A França é um excelente detergente. Bravo.

**ZUCCO**

- É preciso que eu vá embora, absolutamente; é preciso que eu parta. Eu não quero ser capturado. Eu não quero que me prendam. Eu tenho medo de ficar no meio de tanta gente.

**A SENHORA**

- Medo? Seja então um homem. Você tem uma arma: só de tirar o revólver do bolso você já espanta todo mundo.

**ZUCCO**

- É porque eu sou um homem que eu tenho medo.

**A SENHORA**

- Eu não tenho. Com tudo o que você me fez ver, eu não tenho medo e eu nunca tive.

**ZUCCO**

- É justamente porque você não é um homem.

**A SENHORA**

- Você é complicado, complicado.

**ZUCCO**

- Se eles me pegam, me prendem. Se me prendem, eu fico louco. Aliás eu estou ficando louco, agora. Tem guarda em todo lugar, tem gente em todo lugar. Eu já estou preso no meio dessa gente. Não olhe pra eles, não olhe pra ninguém.

**A SENHORA** - Por acaso eu tenho ar de ter a intenção de te denunciar? Imbecil. Eu já teria feito isso há muito tempo. Mas esses idiotas me dão nojo. Você, você me agrada.

**ZUCCO**

- Olha todos esse loucos. Eu nunca vi tantos assassinos ao mesmo tempo. Ao menor sinal na cabeça deles, eles começariam a se matar uns aos outros. Eu me pergunto porque o sinal não soa, aqui, agora, na cabeça deles. Porque eles estão todos prontos pra matar. Eles são como ratos nas caixas dos laboratórios. Eles têm vontade de matar, isso se vê na cara deles, na maneira como eles andam; eu vejo seus punhos cerrados dentro dos bolsos. Eu reconheço um assassino à primeira vista; eles têm as roupas cheias de sangue. Aqui, tem assassino em tudo quanto é lugar; é preciso se manter tranqüilo, sem mexer; é melhor não olhá-los nos olhos. É melhor que eles não nos vejam; é preciso ser transparente. Porque senão, se a gente olha nos olhos deles, se eles se dão conta de que estamos olhando, se eles resolvem olhar pra nós e nos ver, o sinal soa na cabeça deles e eles matam, eles matam. E se tem um que começa, todo mundo aqui vai matar todo mundo. Todo mundo só está esperando o sinal na cabeça.

**A SENHORA**

- Pára. Não comece uma crise de nervos. Eu vou comprar os dois bilhetes. Mas acalme-se, nós vamos ser descobertos. **(**Depois de um tempo**)** Por que você o matou?

**ZUCCO**

- Quem?

**A SENHORA**

- Meu filho, imbecil.

**ZUCCO**

- Porque ele era um moleque idiota.

**A SENHORA**

- Quem te disse isso?

**ZUCCO**

- Você. Você disse que ele era um moleque idiota. Você disse que ele achava que você era uma idiota.

**A SENHORA**

- E se eu gostasse de ser tomada por uma idiota? E se eu gostasse dos moleques idiotas? E se eu gostasse dos moleques idiotas mais do que tudo no mundo, mais do que dos grandes imbecis? Se eu detestasse tudo exceto os moleques idiotas?

**ZUCCO**

- Seria necessário dizer.

**A SENHORA**

- Eu disse, imbecil, eu disse.

**ZUCCO**

- Não precisava me recusar as chaves. Não precisava me humilhar. Eu não queria matá-lo, mas tudo foi se encadeando sozinho por causa dessa história de Porsche.

**A SENHORA** - Mentiroso. Nada se encadeou; tudo foi atravessado. Era eu que você tinha sob a sua arma. Pr que foi a cabeça dele que explodiu, com sangue pra todo lado?

**ZUCCO**

- Se tivesse sido a sua cabeça, ela teria espalhado sangue pra todo lado também.

**A SENHORA**

- Mas eu não teria visto, imbecil, eu não teria visto. Meu próprio sangue, eu não me importo, ele não me pertence. Mas o do meu filho, fui eu que enfiei nas veias dele, é negócio meu, era meu, não se pode ir esparramando as minhas coisas de qualquer jeito, num parque público, na frente de uma cambada de imbecis. Agora eu não tenho mais nada meu. Qualquer um está andando em cima da única coisa que me pertencia. E amanhã cedo os jardineiros vão limpar tudo isso. O que me resta, agora, o que é que resta?

***(ZUCCO SE LEVANTA.)***

**ZUCCO**

- Eu vou embora.

**A SENHORA**

- Eu vou com você.

**ZUCCO**

- Não se mexa.

**A SENHORA**

- Você não tem nem como pegar o trem. Você nem me deu tempo de te dar os bilhetes. Você não dá tempo pra ninguém te ajudar. Você é como uma faca automática que você desliga de tempos em tempos e guarda no bolso.

**ZUCCO**

- Eu não preciso que me ajudem.

**A SENHORA**

- Todo mundo precisa de ajuda.

**ZUCCO**

- Não comece a chorar. Você está com cara de uma mulher que vai começar a chorar. Eu detesto isso.

**A SENHORA**

- Você me disse que gostava das mulheres de todas as mulheres; até de mim.

**ZUCCO**

- Exceto quando elas fazem cara de mulher que vai começar a chorar.

**A SENHORA**

- Eu te juro que eu não vou chorar.

***(ELA CHORA. ZUCCO SE AFASTA.)***

**A SENHORA**

- E o seu nome, imbecil? Será que você é capaz de me dizer seu nome,
agora? Quem vai se lembrar dele pra você? Você já esqueceu, eu tenho certeza. Eu sou a única, agora, a me lembrar dele. Você vai partir sem a sua memória.

***(ZUCCO SAI. A SENHORA ELEGANTE CONTINUA SENTADA E OLHA OS TRENS.)***

## XIII. OFÉLIA

***(MESMO LUGAR; NOITE. A ESTAÇÃO ESTÁ DESERTA. ESCUTA-SE A CHUVA CAIR. ENTRA A IRMÃ.)***

**A IRMÃ**

- Onde está a minha pombinha? Em que sujeira ela se meteu? Em que gaiola imunda a colocaram? De que animais perversos e indóceis ela está rodeada? Eu quero te encontrar, minha rolinha, eu vou te procurar até morrer. **(**Tempo**)** O macho é o animal mais repugnante entre os animais repugnantes que existem na face da terra. Tem um cheiro no macho que me dá nojo. Cheiro de rato no esgoto, de porco na lama, um cheiro de água parada onde apodrecem os cadáveres. **(**Tempo.**)** O macho é sujo, os homens não sentem o cheiro deles entre eles mesmo porque todos têm o mesmo cheiro. É por isso que eles estão sempre juntos, e que eles ficam com as putas, porque as putas, por dinheiro, agüentam esse cheiro. Eu lavei tanto essa menina. Dei tanto banho antes do

jantar, e dei banho de manha, esfreguei as costas e as mãos com escova, e escovei embaixo das unhas, lavei todos os dias os cabelos dela, cortei as unhas, lavei ela toda, todos os dias com água quente e sabão. Eu a conservei branca como uma pomba, eu alisei suas plumas como uma rola. Eu a protegi e a coloquei dentro de uma gaiola sempre limpa para que ela não sujasse sua brancura imaculada ao contato com a sujeira do mundo, com a sujeira dos machos, para que ela não se deixasse empestar pela peste do cheiro de macho. E foi seu próprio irmão, esse rato entre os ratos, esse porco fedorento, esse macho depravado que a sujou e arrastou na lama, puxando-a pelos cabelos até a sua fossa. Eu devia tê-lo matado, devia tê-lo envenenado, devia tê-lo impedido de ficar rodeando a gaiola da minha rolinha. Devia ter colocado arame farpado em volta da gaiola do meu amor. Eu devia ter esmagado esse rato com o pé e queimado na frigideira. **(**Tempo.**)** Tudo é sujo, aqui. Essa cidade toda é suja e cheia de machos. Que chova muito, que a chuva lave um pouco a minha rolinha imunda onde ela está.

## XIV. PRISÃO

***(NO PEQUENO CHICAGO. DOIS POLICIAIS. PUTAS E, ENTRE ELAS, A MENINA.)***

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Você viu alguém?

**SEGUNDO POLICIAL**

- Ninguém, não.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- É idiota. Nosso trabalho é idiota. Ficar plantado aqui como placas de estacionamento. Melhor continuar circulando.

**SEGUNDO POLICIAL**

- É normal. Foi aqui que ele matou o inspetor.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Justamente. É o único lugar pra onde ele não vai voltar.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Um criminoso sempre volta ao local do crime.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Ele vai voltar aqui? Por que você ia querer que ele voltasse? Ele não deixou nada, nem uma bagagem, nada. Ele não é louco. Nós somos duas placas de estacionamento completamente inúteis.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Ele vai voltar.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Durante esse tempo, a gente poderia beber alguma coisa com a madame dona do bordel e discutir o assunto com as senhoritas e passear em outro lugar, entre essas pessoas calmas, tranqüilas; o Pequeno Chicago é o bairro mais tranqüilo da cidade.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Tem fogo sob as cinzas.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Um fogo? Que fogo? Onde você está vendo fogo? Mesmo as senhoritas são calmas e tranqüilas como caixas de supermercado; os clientes passeiam como num parque, e os cafetões dão a volta do proprietário, como livreiros que verificam se todos os livros estão nas estantes e se alguém não roubou algum. Onde você está vendo fogo? Esse cara não vai voltar aqui, eu aposto com você, eu aposto uma cerveja no bordel da madame.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Ele bem que voltou na casa dele depois de matar o pai.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- É que ele tinha o que fazer lá.

**SEGUNDO POLICIAL**

- E o que ele tinha pra fazer lá?

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Matar a mãe dele. Uma vez feito isso, ele não voltou mais. E como aqui não tem mais inspetor, ele não vai voltar. Eu me sinto como um idiota; eu sinto que estão nascendo raízes e folhas em cima dos braços e das pernas. Eu sinto que estou afundando no cimento. Vamos dar uma chegada no bordel e beber alguma coisa. Tudo está calmo; todo mundo passeia tranqüilamente. Você está vendo alguém com cara de assassino?

**SEGUNDO POLICIAL**

- Um assassino nunca tem cara de assassino. Um assassino anda tranqüilamente no meio de todos os outros como você e eu.

**PRIMEIRO POLICIAL -** Ele teria de ser louco.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Um assassino é louco por definição.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Nem sempre, nem sempre. Tem vezes que eu quase tenho vontade de matar; eu também.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Então, tem vezes que você deve ficar quase louco.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Talvez sim, talvez sim.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Eu tenho certeza.

***(ENTRA ZUCCO)***

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Mas nunca – mesmo se eu fosse louco, mesmo se eu fosse um assassino – nunca eu caminharia tranqüilamente nos locais do meu crime.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Olha esse cara.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Qual?

**SEGUNDO POLICIAL**

- Aquele que passeia tranqüilamente, ali.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Todo mundo passeia tranqüilamente, aqui. O Pequeno Chicago se transformou num parque público onde até as crianças poderiam jogar bola.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Aquele que está com um uniforme militar.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Ah sei, eu estou vendo.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Ele não te lembra ninguém?

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Talvez sim, talvez sim.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Eu diria que é ele.

**PRIMEIRO POLICIAL**

- Impossível.

**A MENINA (**Percebendo Zucco**)**

- Roberto. **(**Ela chega perto dele e lhe dá um beijo.**)**

**PRIMEIRO POLICIAL**

- É ele.

**SEGUNDO POLICIAL**

- Não tem mais nenhuma dúvida.

**A MENINA**

- Eu te procurei, Roberto, eu te procurei, eu te traí, eu chorei, chorei, até o ponto em que eu virei uma ilhazinha no meio do mar e as últimas ondas estão me fazendo afogar. Eu sofri, tanto, que o meu sofrimento poderia encher os abismos da terra e fazer transbordar os vulcões. Eu quero ficar com você, Roberto; eu quero tomar conta de cada batida do seu coração, cada respiração do seu peito; a orelha grudada em você, eu vou ouvir o barulho de cada engrenagem do seu corpo, eu vou tomar contar do seu corpo como um mecânico toma conta da sua máquina. Eu guardarei todos os seus segredos, eu serei a sua pasta de segredos; eu serei a sua bolsa onde você vai guardar os seus mistérios. Eu vou vigiar suas armas, eu vou protegê-las da ferrugem. Você será meu agente e meu segredo e eu, nas suas viagens, eu serei a sua bagagem, sua carregadora e seu amor.

**PRIMEIRO POLICIAL (**Aproximando-se Zucco.**)** - Quem é você?

**ZUCCO**

- Eu sou o assassino de meu pai, da minha mãe, de um inspetor de polícia e de uma criança. Eu sou um matador.

***(OS POLICIAIS LEVAM-NO.)***

## XV. ZUCCO AO SOL

***(A PARTE DE CIMA DOS TELHADOS DE UMA PRISÃO, AO MEIO-DIA. NÃO SE VÊ NINGUÉM, DURANTE TODA A CENA, EXCETO ZUCCO QUANDO ELE SOBE NO ALTO DO TELHADO. VOZES DE GUARDAS E DE PRISIONEIROS MISTURADAS.)***

**UMA VOZ**

- Roberto Zucco escapou.

**UMA VOZ**

- Mais uma vez.

**UMA VOZ**

- Mas quem o vigiava?

**UMA VOZ**

- Quem era responsável por ele?

**UMA VOZ**

- A gente está com cara de bobo.

**UMA VOZ**

- Vocês estão com cara de bobo, sim. **(**Risos.**)**

**UMA VOZ**

- Silêncio.

**UMA VOZ**

- Ele tem cúmplices.

**UMA VOZ**

- Não; é porque ele não tem cúmplice que ele sempre consegue escapar.

**UMA VOZ**

- Sozinho.

**UMA VOZ**

- Sozinho, como os heróis.

**UMA VOZ**

- É preciso procurar nos cantos do corredor.

**UMA VOZ**

- Ele deve estar encolhido em algum buraco, e está tremendo.

**UMA VOZ**

- Só que não são vocês que fazem ele tremer.

**UMA VOZ**

- Zucco não está tremendo, e sim gozando da cara de vocês.

**UMA VOZ**

- Zucco goza da cara de todo mundo.

**UMA VOZ**

- Ele não vai longe.

**UMA VOZ**

- É uma prisão moderna. Não dá pra escapar assim.

**UMA VOZ**

- É impossível.

**UMA VOZ**

- Completamente impossível.

**UMA VOZ**

- Zucco está fodido.

**UMA VOZ** - Talvez ele esteja fodido, mas, por enquanto, ele está subindo no telhado e gozando a cara de vocês.

***(ZUCCO, COM O PEITO NU E DESCALÇO, CHEGA NA PARTE MAIS ALTA DO TELHADO.)***

**UMA VOZ**

- O que você está fazendo aí?

**UMA VOZ**

- Desça imediatamente. **(**Risos.**)**

**UMA VOZ**

- Zucco, você está fodido. **(**Risos.**)**

**UMA VOZ**

- Zucco, Zucco, conta pra nós como você faz pra não ficar nem uma hora na prisão?

**UMA VOZ**

- Como você faz?

**UMA VOZ**

- Por onde você passou? Dê a pista pra nós.

**ZUCCO**

- Por cima. Não se pode escapar através dos muros, porque depois desses muros tem outros, tem sempre a prisão. É preciso escapar por cima, em direção ao sol. Nunca vão pôr um muro entre o sol e a terra.

**UMA VOZ**

- E os guardas?

**ZUCCO**

- Os guardas não existem. Basta não vê-los. De qualquer forma, eu poderia pegar cinco com uma mão só e acabar com eles de uma vez.

**UMA VOZ**

- De onde vem a sua força, Zucco, de onde vem a sua força?

**ZUCCO**

- Quando eu avanço, eu vou até o fundo, bem rápido, eu não vejo os obstáculos, e, como eu não olhei pra eles, eles caem sozinhos na minha frente. Eu sou solitário e forte, eu sou um rinoceronte.

**UMA VOZ**

- Mas seu pai, e sua mãe, Zucco. Não se pode tocar nos próprios pais.

**ZUCCO**

- É normal matar os próprios pais.

**UMA VOZ**

- Mas uma criança, Zucco; não se mata uma criança. Mata-se os inimigos, mata-se as pessoas capazes de se defender. Mas não uma criança.

**ZUCCO**

- Eu não tenho inimigos e eu não ataco. Eu acabo com os outros animais não por maldade mas porque eu não os vi e porque eu pisei em cima deles.

**UMA VOZ**

- Você tem dinheiro? Dinheiro escondido em algum lugar?

**ZUCCO**

- Eu não tenho dinheiro, em nenhum lugar. Eu não preciso de dinheiro.

**UMA VOZ**

- Você é um herói, Zucco.

**UMA VOZ**

- É o Golias.

**UMA VOZ**

- É o Sansão.

**UMA VOZ**

- Quem é Sansão?

**UMA VOZ**

- Um mau elemento de Marselha.

**UMA VOZ**

- Eu o conheci na prisão. Uma verdadeira besta. Ele podia quebrar a cara de dez pessoas de uma vez.

**UMA VOZ**

- Mentiroso.

**UMA VOZ**

- Só com os seus socos.

**UMA VOZ**

- Não, com um maxilar de asno. E ele não era de Marselha.

**UMA VOZ**

- Ele foi beijado por uma mulher.

**UMA VOZ**

- Dalila. Uma história de cabelos. Eu conheço.

**UMA VOZ**

- Tem sempre uma mulher para trair.

**UMA VOZ**

- Estaríamos todos em liberdade sem as mulheres.

***(O SOL, BRILHANTE, EXTRAORDINARIAMENTE LUMINOSO. UM GRANDE VENTO SOPRA.)***

**ZUCCO**

- Olhem pro sol. **(**Um silêncio absoluto se estabelece no local.**)** Você não estão vendo nada? Não estão vendo como ele mexe de um lado pro outro?

**UMA VOZ**

- A gente não está vendo nada.

**UMA VOZ**

- O sol machuca os olhos. Ele nos cega.

**ZUCCO**

- Olhem o que está saindo do sol. É o sexo do sol; é de lá que vem o vento.

**UMA VOZ**

- O quê? O sol tem um sexo?

**UMA VOZ**

- Cala a boca.

**ZUCCO**

- Mexam a cabeça: você vão ver ele mexer com vocês.

**UMA VOZ**

- O que que está mexendo? Eu não estou vendo nada mexer.

**UMA VOZ**

- Como você queria que alguma coisa mexesse, lá em cima? Tudo fixado lá desde a eternidade, e bem imobilizado, bem soldado.

**ZUCCO**

- É a fonte dos ventos.

**UMA VOZ** - Não dá pra ver mais nada. Tem luz demais.

**ZUCCO**

- Vire seu rosto em direção ao Oriente e ele mudará de lugar; e, se você virar seu rosto em direção ao Ocidente, ele te seguirá.

***(UM VENTO DE TEMPESTADE SOPRA. ZUCCO VACILA.)***

**UMA VOZ**

- Ele é louco. Ele vai cair.

**UMA VOZ**

- Pára, Zucco; você vai se arrebentar.

**UMA VOZ -** Ele é louco.

**UMA VOZ**

- Ele vai cair.

***(O SOL SOBE, FICA CLARO COMO A EXPLOSÃO DE UMA BOMBA ATÔMICA. NÃO SE VÊ MAIS NADA.)***

**UMA VOZ (**Gritando**)**

- Ele caiu.